

TRABALHO PEDAGÓGICO EXTRA-CLASSE (AULA DE CAMPO), UMA VIVÊNCIA DO ESPAÇO HABITADO AO DESCONHECIDO.

SOUZA LIMA, Eloiza¹ - UEPB/EAC

Resumo

Este trabalho é um relato de uma atividade de campo da disciplina Geografia realizada com os alunos 8º e 9º anos da antiga Escola Cenecista São José localizada no distrito de São José da Mata na cidade de Campina Grande. Essa atividade foi realizada com intuito de minimizar problemas de conteúdos geográficos como Orientação e Localização além de fazer parte uma das atividades realizadas pelo projeto de Cartografia desenvolvido na escola. O trabalho de campo teve como destino a cidade de João Pessoa e foram trabalhadas temáticas referentes às paisagens naturais e sociais tendo por base discussões teóricas previamente realizadas em sala de aula. Tal experiência revelou que a aula de campo é uma rica ferramenta para o ensino aprendizagem da disciplina de geografia.

Palavras-chave: Palavra. Palavra.

Introdução

A Educação compreende os processos de desenvolvimento humano, nos quais cada indivíduo é preparado para conviver em sociedade. E é por meio da educação, em especial a educação escolar, que o indivíduo passa a olhar o mundo que o cerca de maneira crítica, o que resulta na busca por mudanças da realidade em que se encontra, e não apenas em uma simples adaptação. A Geografia possui um papel importante nesta formação do aluno crítico, contribuindo para que ele consiga pensar o espaço de uma maneira mais profunda, conseguindo enxergar além do que seus olhos lhe mostram e, dessa forma, atuar nele de forma mais eficiente e consciente.

¹ Professora Especialista da Educação Básica/ elolimas@yahoo.com.br

A atribuição na realização do trabalho de campo, seja nas universidades ou no ensino básico, é de extrema necessidade, os alunos de nível superior ou básico anseiam por novas formas de compreender a geografia, visto a sua complexidade e a diversidade de conteúdos. Hoje, novas preocupações e sugestões metodológicas precisam ser consideradas a fim de dinamizar o conhecimento desta ciência (disciplina), mesmo que utilizando de práticas antigas como a aula de campo, mas que sejam concernentes a novos métodos de aplicabilidade ao conhecimento geográfico.

Assim, torna-se essencial que a Geografia também esteja inserida na perspectiva da educação inovadora nos espaços escolares, dando a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam este “olhar geográfico” capaz de transformar positivamente a realidade em que se encontra e, para que tal inserção do conhecimento tenha sucesso, é preciso que os professores estejam preparados para trabalhar com a heterogeneidade de alunos e o universo de cada um deles, no que se trata o meio onde os mesmos vivem compreendendo e respeitando suas características sociais, econômicas e culturais.

Os estudantes nas escolas, por sua vez, cumprem, muitas vezes, uma série de atividades teóricas, conceituais e genéricas que desconsideram o seu próprio ambiente natural e construído (a rua, o bairro, a vizinhança), e seu próprio estado, numa vivência do espaço habitado, porém desconhecido. Para o aluno são dados sensoriais imediatos e também dados intelectuais sobre os quais é possível formar bases sólidas para a dedução e indução na constituição de um sólido conhecimento empírico e teórico da realidade. Nesse sentido, o trabalho de campo, uma vez planejado e construído com a incorporação dos alunos na elaboração, se revela uma rica ferramenta de ensino em aulas de geografia, seja no ensino básico ou superior.

O TRABALHO DE CAMPO, UMA NECESSIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA.

Nas aulas de geografia é comum, os alunos estudarem lugares distantes e famosos como: Nova York, São Paulo ou exóticos e pouco habitado como: as montanhas do Nepal, deserto do Saara e desconhecerem suas próprias paisagens. Os livros didáticos apresentam diversas paisagens do espaço mundial aos alunos. Há aspectos positivos nessa abordagem,

entretanto, devem-se conhecer os espaços geográficos. Contudo pode é importante mostrar ou fazer um paralelo sobre o espaço local.

Segundo Callai (1999, p.57) a geografia é uma ciência social. Ao ser estudada tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade.

Os professores, contudo, devem aproximar a realidade local do aluno com atitudes pedagógicas, críticas e inovadora diante das limitações do livro e da grade curricular imposta pelo modelo de educação. Embora, em muitos casos, os alunos sejam desconhecedores de seu próprio espaço, é comum ver paisagens e contextos sócio-ambientais dos alunos serem desconsiderados como uma fonte de descobertas, prazeres, curiosidades para novos saberes.

Além de melhorados em seus níveis pedagógicos e científicos, devem ter orientação mais regional, a fim de que os estudantes comecem a aprendizagem a partir da paisagem com que convivem, que visualizem diretamente e daí possam partir para a análise de paisagem nacionais e internacionais. A geografia não pode ser ensinada a partir de grandes concepções e generalizações. Ela deve dar maior atenção à do espaço, nos vários estados (ANDRADE, 1989, p.62).

O contexto espacial do aluno deve ser analisado e estudado para que ele possa compreender as suas raízes, as paisagens locais, regionais, além dos problemas no que tange a economia, cultura, vida política e as bases fisiográficas do seu meio, relevo e hidrografia, vegetação, clima etc. No entanto, Calvalcanti (2002) adverte que,

A observação é uma atividade seletiva, pois depende de requisitos do observador. A relação de elementos observados, por exemplo, é feita com base em instrumentos conceituais e na sensibilidade de quem observa. Trata-se de uma habilidade que pode ser desenvolvida na escola, e particularmente na geografia, que tem nas formas espaciais (paisagem) um primeiro nível de análise do próprio espaço (CAVALCANTI, 2002, p.82).

O trabalho de campo desperta uma necessidade proposta de interdisciplinaridade a fim de que seja feito nas escolas, tanto para preencher a lacuna do livro didático, em que muitos casos não faz uma abordagem local, regional, também porque o estudo do meio (aula de campo, trabalho de campo) é considerado uma excelente técnica de ensino-aprendizagem, e mais, conhecer o próprio lugar é uma construção do saber e de cidadania. As aulas de geografia devem ensinar o aluno a “rever” o seu espaço com um olhar mais atento e aconchegante. Do rearranjo dos elementos da natureza diante da ocupação humana, o poder público, da geo-história de seu cotidiano, passando pela poluição ambiental e até a

caracterização física do espaço, tudo isso deve constar na compreensão do aluno sobre seu meio.

O trabalho de campo, como recurso didático, fornece ao professor uma oportunidade de sair da rotina das aulas tradicionais, despertando o interesse dos alunos pela disciplina, pois, estando em contato com o meio, procurarão constatar a veracidade da teoria explicada em sala de aula, desenvolvendo o pensamento reflexivo, procurando respostas para as dúvidas que surgem durante a pesquisa e assim, construindo o conhecimento de forma prazerosa.

Sobretudo, a retirada dos alunos da escola desperta uma curiosidade mesmo que os alunos já tenham visto os lugares, a paisagem, a visita ao campo torna-se mágica, ao passo que o campo reaviva e instiga o aluno a observar seu espaço e vislumbrar os lugares, as paisagens, construindo assim um novo olhar geográfico, relevando, sobretudo, a importância do estudo do meio como ação pedagógica de caráter popular, disciplinar e analítico.

A REALIZAÇÃO DO CAMPO, UMA VIVÊNCIA DO ESPAÇO HABITADO AO DESCONHECIDO.

Todo professor sabe que o trabalho de campo na Geografia é fundamental no processo de ensino/aprendizagem, pois é através do contato com a realidade que o aluno compreende a teoria transmitida, fixando-a em sua memória, e expõe dúvidas que não surgiriam dentro da sala de aula. Assim, o aluno pode ter bons conhecimentos dos conceitos de topografia, coordenadas (localização), interações entre homem e meio ambiente.

Partindo dessas implicações e conceituações sobre o trabalho de campo, foram realizadas análises dessa prática no ensino de geografia na Escola Cenecista São José, a fim de observar a utilização da aula de campo como um recurso didático pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. O trabalho de campo da presente escola estava vinculado ao projeto CARTOGRAFIA, “UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO” que teve como proposta dinamizar o ensino de geografia na Escola Cenecista São José. A aula de campo foi utilizada como uma das técnicas para sanar a problemática da dificuldade dos alunos em localizar-se e orientar-se, encontrados principalmente nas séries de 8º e 9º ano do ensino fundamental II.

Na construção do projeto, foi proposta a realização do trabalho de campo a fim de aproximar o aluno do conteúdo, partindo essencialmente de sua realidade local e regional, conhecendo as particularidades de seu distrito, cidade, mesorregião, estado. A proposta inicial

foi de observar as principais dificuldades dos alunos diante da sua realidade enquanto região, estado, o que eles conheciam, e a partir dessas reflexões foi construído com os alunos uma aula de campo que integrasse todas as dificuldades apresentadas por eles, logo o campo foi realizado no sentido leste, ou seja, o percurso do agreste a Costa Litorânea que abrangeria os seguintes conteúdos: Localização e Orientação, Unidades Geomorfológicas, Divisão Regional (as mesorregiões paraibanas), Clima, Hidrografia e Organização Espacial das Mesorregiões da Paraíba, respaldado nas categorias de análise da geografia, Lugar, Paisagem, Região.

Desta forma, foram inseridos, paralelos aos conteúdos propostos pelo livro das séries 8º e 9º anos do ensino fundamental II conteúdos sobre Geografia da Paraíba nas aulas de Geografia, com intuito de fazer o aluno conhecer algumas paisagens, por sua vez, unir os conteúdos de Localização e Orientação partindo prioritariamente como uma proposta de sanar esta lacuna provocada desde as séries iniciais, além de integrar os conhecimentos regionais, físicos, culturais e sociais.

Essa foi a proposta da Aula de Campo do projeto “Cartografia, um novo olhar geográfico”. O projeto não abordaria apenas os aspectos físicos, mas sim, como citado o social, cultural e histórico de modo que os alunos realizaram diversas leituras acerca do espaço paraibano, além da utilização de mapas, Atlas e maquetes no laboratório de geografia da escola.

1. As paisagens do Agreste ao Litoral paraibano, uma visão real.

A realização da aula de campo foi realizada com destino a João Pessoa, o público alvo foram os alunos do 8º e 9º ano, além de contar com a professora de geografia do ensino fundamental, mentora da aula de campo e um monitor voluntário (Estudante da Universidade Estadual da Paraíba do curso de Geografia) do projeto CARTOGRAFIA, “UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO” e da professora de História.

Os alunos recebiam material didático produzido pela professora seguido de roteiro com a presença dos conteúdos em que estabelecia pontos de paradas estratégicas para a exposição dos conteúdos. O roteiro da aula de campo estava fundamentado pelos conteúdos expostos em sala de aula para os alunos e foi cumprido rigorosamente cada lugar.

SÃO JOSÉ DA MATA – JOÃO PESSOA – CABEDELO – PB

1º MOMENTO DO ROTEIRO	2º MOMENTO DO ROTEIRO
Distrito de São José da Mata	Cidade Histórica (Hotel Globo, Mosteiro de São Francisco e Praça histórica).
Campina Grande	Farol de Cabo Branco/ Ponta do Seixas.
Riachão do Bacamarte	UFPB-LOGEPA(Laboratório de Geografia da Paraíba)
Cajá	Cabedelo/ Porto
1º Parada(Vale do Rio Paraíba)	Praia do Jacaré (Estuário do Rio Paraíba/ Restinga de Cabedelo)
Santa Rita	Retorno

O seguinte roteiro foi baseado no material utilizado pela professora Margarida Magalhães da disciplina de Geomorfologia da Universidade Estadual da Paraíba, utiliza o campo como uma ferramenta fundamental para o componente curricular vista a heterogeneidade geomorfológica e paisagística.

Durante o percurso da viagem, fez-se uma relação dos conteúdos estudados em sala, através de vários recursos didáticos, mapas, bússola, GPS. O mapa da Paraíba era o foco da abordagem associando as paisagens observadas e a divisão das mesorregiões que seguia dessa maneira: Agreste Paraíbano e Mata Paraibana, no percurso da BR 230, contemplava as seguintes cidades: Campina Grande, Riachão do Bacamarte, Cajá, Santa Rita e Bayeux onde eram expostos assuntos como a organização espacial da cidade, a localização, relevo e clima, assim fundamentando o aluno com informações de lugares parcialmente conhecidos por eles.

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos (ROCHA LEÃO, 2006, p.57).

Durante todo percurso foi realizadas paradas de pontos limetes de clima, relevo e incidência hidrográfica onde era exposto a diferença paisagísticas, no âmbito social e natural a exemplo do rio Paraíba como segue as ilustrações abaixo:



Figura 1. Alunos da Escola
Fonte: Eloiza Lima



Figura 2. Vale do Rio Paraíba
Fonte: Eloiza Lima

Os alunos puderam observar o rio em seu baixo curso e as formas de agressão ambiental, os bancos de área, a degradação da mata ciliar (figura 2).

Nessa região foi observada a forma de ocupação dos latifúndios, visto os diversos canais observados nas paisagens caracterizados desde o Brasil colônia, conhecida como região de concentração fundiária no estado da Paraíba representado por latifúndios e pela monocultura da cana-de-açúcar. Durante o percurso nessa região os alunos observaram queimadas e os trabalhadores de canavial, surgindo, pois, questionamentos acerca da temática preservação que, logo após nas proximidades de João Pessoa, os alunos foram contemplados com uma faixa de florestas de Mata Atlântica, chegando a capital, onde foram realizadas exposições sobre a cidade seus aspectos geo-históricos com abordagem sobre as alterações da paisagem.



Fig 3. Mosteiro de São Francisco
Fonte: Eloiza Lima



Fig. 4. Vista para Rio Sanhauá
Fonte: Eloiza Lima

Após as análises geohistóricas foi realizado um estudo analisando os aspectos geofísicos, foram realizadas visitas Farol de Cabo Branco, Ponta do Seixas, o ponto mais oriental das Américas como mostra a figura abaixo:



Figura 5. Ponto mais Oriental das Américas,
Fonte: Eloiza Lima

Dadas às dificuldades dos alunos, foi apresentada em Ponta dos Seixas, com auxílio do mapa do Brasil a localização do estado da Paraíba, onde foram realizadas exposições bem detalhadas sobre as temáticas Orientação e localização. Essa parada no campo foi um dos momentos mais importante do trabalho tendo em vista que os alunos puderam concretizar seus conhecimentos acerca do que tinha sido fomentado em sala, integrando o teórico com a prática. Sobretudo o fato de estar no lugar onde permitia o educando sanar suas dúvidas do teórico sendo vislumbrado e concretizado pela paisagem ao vivo, a partir de informações previamente apresentadas no laboratório de geografia, onde as aulas sobre geografia da Paraíba aconteciam, com a utilização de mapas, Atlas.

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que a teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (MARCOS, 2006, p.106).

Ao longo do trabalho de campo, o que mais se destacava era o empenho do aluno em saber o que mais iriam conhecer no sentido amplo desse verbo transitivo direto, sentir, experimentar, apreciar, reconhecer em cada lugar, paisagem em que puderam conhecer.

Seguindo o ritmo do conteúdo localização e Orientação a aula prosseguiu seu percurso no sentido da Universidade Federal da Paraíba, especialmente no Laboratório de Geografia da Paraíba (LOGEPA). O laboratório tem, em suas propostas, atender escolas que visam aprimorar os conteúdos de geografia na escola, com formação para professores e visitas dos alunos. O laboratório possui diversos recursos didáticos, dentre eles, o principal recurso didático pedagógico é a maquete do estado da Paraíba, a maquete compreende a escala de 1:100.000 vertical e de 1:10.000. A permanência dos alunos no laboratório foi expressivamente enriquecedora no sentido cognitivo, tendo em vista a aula realizada pela professora coordenadora do laboratório e das alunas bolsistas acerca das temáticas, Orientação e Localização, Unidades Geomorfológicas da Paraíba, Relevo, Vegetação, Clima, Bacias hidrográficas, Regiões da Paraíba e atividades econômicas. Os alunos logo puderam observar outras maquetes de diversos lugares da Paraíba, assim como fotos e maquete de vidro, acompanhados pelas explicações dos monitores e da Professora Nadjacléia, professora do componente curricular SIG na Universidade Estadual da Paraíba, como mostra as figura 6.



Fig. 6. LOGEPA

Fonte: Eloiza Lima

Logo após as considerações realizadas no LOGEPA, o trabalho de campo prosseguiu em direção a Restinga de Cabedelo, onde, durante o percurso até a cidade de Cabelo a qual encontra-se nas proximidades de João Pessoa tendo em vista que compõe a Unidade de Relevo, Planície Litorânea e também integrada à região metropolitana de João Pessoa, os alunos puderam verificar áreas de conservação e reservas florestais como a Mata do Buraquinho e no município de Cabedelo a Mata do Amém, caracterizou durante a Eco 92,

conferência da ONU sobre o meio ambiente, João Pessoa e Regiões próximas como a segunda cidade mais verde do mundo. Segundo um cálculo baseado na relação entre número de habitantes e área verde, a cidade perderia apenas para Paris.

Na cidade de Cabedelo foram observados alguns pontos como o Forte de Santa Catarina e o Porto o que caracteriza a cidade importante para a história e economia paraibana. A aula seguiu para a praia fluvial do Jacaré onde se encontra o estuário do Rio Paraíba, em seu estuário encontram-se dezenas de desembocaduras de outros rios, manguezais, o Porto de Cabedelo, escoadouro da capital paraibana e também ilhas, como Ilha da Restinga, Ilha Stuart, Ilha Tiriri como segue a mapa.

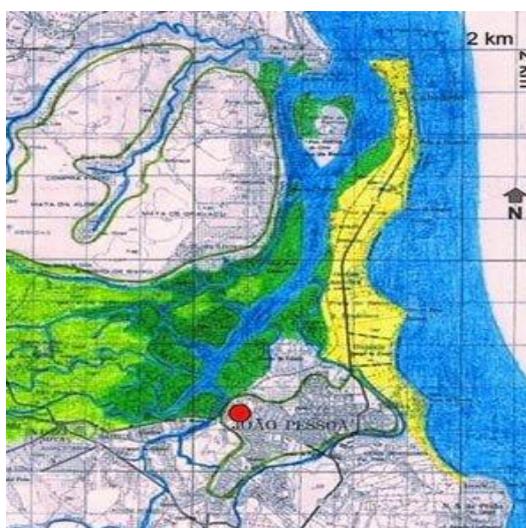


Figura 9. Estuário do Rio Paraíba/Carta topográfica 1976

Fonte: Material Didático (Por Margarida Magalhães)

O aprendizado coletivo do trabalho de campo unido ao prazer do aluno em constatar tudo que se foi mediado em sala de aula, nos permite compreender a preocupação do professor em dinamizar as aulas de geografia com práticas antigas como o trabalho de campo, contudo, com técnicas inovadoras. O mais belo é compreender que a geografia possui o maior recurso didático: O Espaço, onde nele podemos observar os diferentes lugares por diferentes óticas. O conhecer, aliás, construir o conhecimento a partir dessas técnicas, aproximando o educando da sua realidade, da cultura, história, foi à concepção fomentada ao longo deste trabalho de campo do projeto Cartografia, “Um novo olhar geográfico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É papel fundamental do ensino de geografia que seja repensado as práticas desenvolvidas na sala de aula e conseqüentemente na escola, tendo em vista que o espaço escolar deve ser compreendido como um instrumento necessário para o ensino de geografia, como forma de orientação do aluno à compreensão do mundo, promovendo uma relação concreta entre a teoria e a prática.

A reflexão em análise reforçou o posicionamento de que a formação se pauta pela construção de estratégias de ensino aprendizagem que se encontra com a realidade educacional concreta, estabelecendo um vínculo das práticas utilizadas nas escolas por meio de projetos de modo que é essencial à motivação do aluno para elaboração de projetos de ensino aprendizagem que envolva proposta teórico-prática, demonstrando, portanto, domínio teórico-metodológico, como condição de realização prática e empírica. É necessário assinalar a importância de tomar como referência as práticas didático-pedagógicas e a realidade da escola básica para projetos de ensino aprendizagem em Geografia, buscando alternativas para uma ação eficaz.

As diversas práticas realizadas na escola Cenecista São José, sobretudo, o estudo do meio (aula de campo), além dos diversos recursos didáticos utilizados pela professora integra o projeto de geografia criado pela professora no despertar das dificuldades durante as aulas de Geografia no sentido dos conteúdos de orientação e localização destes alunos de 8º à 9ºano.

Portanto, é preciso repensar o quanto a postura do professor é importante para o processo de ensino aprendizagem, pois, é a partir das inquietações sentidas que as práticas são fecundadas numa perspectiva dinâmica e interativa de desenvolver ações que minimizem os problemas de aprendizagem, atrelado à falta de motivação e recursos didáticos e estruturais oferecidas pela educação. Contudo, é necessário compreender que a Geografia possui o maior recurso didático que é o espaço, desta forma, pode-se utilizá-lo e entender que a partir dele e de práticas antigas ou inovadoras, pode-se construir o saber geográfico a começar da gênese dos conceitos, sejam eles cotidianos ou científicos, que permeiam o ato de pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Azis Nacib, **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 1º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE. Manuel Correa de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papius, 1989.

ALENTEJANO, Paulo; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 37-54, julho. 2006.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et. al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ AGB Seção Porto Alegre, 2001

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. 1º Ed. Goiânia: Alternativa, 2002.

JATOBÁ, Lucivânio. **Introdução à Geomorfologia**. 4º ed. Revista e ampliada. Recife: Bagaço, 2003.

LEONARDI, G.; CARVALHO, I.S. 2000. **As Pegadas de dinossauros das bacias Rio do Peixe**, PB. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D.A.; Queiroz, E. T; Winge, M; Berbert-Born, M. (Edit.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Publicado na Internet em 09/07/2000 no endereço <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio026/sitio026.htm>.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84 p. 105-138, julho. 2006.

PARAÍBA, Secretaria de Educação do Estado. **Atlas geográfico do estado da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1985.

PCN's, **Pâmetros curriculares nacionais: História e Geografia**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3º ed. Brasília: MEC/SEF. 2001.

SEABRA, Giovanni. **Geografia: fundamentos e perspectivas**. 4º ed. Revista ampliada. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.84, p. 25-50, julho. 2006.

SUERTEGARAY, D.M.A. (Docente): A Pesquisa de Campo em Geografia. In: **IV Enc. Estadual de Geografia de Minas Gerais; AGB/BH e UFMG**, 2001. Minas Gerais. Anais... Minas Gerais, 2001.

